



DESLOCAMENTOS E POÉTICAS DE APROPRIAÇÃO NO FESTIVAL ITAJUBENSE DE CULTURA E ARTE

Paulo Cezar Nunes Junior
Janir Coutinho Batista

RESUMO

Este texto tem por objetivo central promover um debate que evidencie a cidade como lugar de lazes e de novas multiplicidades, e não apenas como pontos estanques de funcionamento de um sistema planejado segundo normas e regras prontas. Será discutida a questão da apropriação, do encontro, do transindividual proposto pelo filósofo Gilbert Simondon, e de outros elementos transgressores como estratégias de agenciamento de espaços públicos de grande circulação a partir de experiências vivenciadas em um festival de arte e cultura realizado na cidade de Itajubá, sul de Minas Gerais.

PALAVRAS CHAVE: atividades de lazer, planejamento de cidades, arte.

“Agora, eu me encapulo o máximo possível. Por quê? Quero ser poeta e trabalho para tornar-me vidente: Você não compreenderá nada e eu quase que não saberia explicá-lo. Trata-se de chegar ao desconhecido através do desregramento de todos os sentidos. Os sofrimentos são enormes, mas é preciso ser forte, ter nascido poeta, e eu me reconheci poeta. Não é de modo algum culpa minha. É errado dizer: Eu penso: dever-se-ia dizer: sou pensado. — Perdão pelo jogo de palavras. Eu é ‘um outro’.” (Arthur Rimbaud)

INTRODUÇÃO

Esta é a epígrafe que abre a proposta curatorial do Festival Itajubense de Cultura e Arte - FICA ([NUNES JUNIOR, BATISTA; 2012](#)). Ela é também um bom ponto de partida para apresentarmos a discussão que se pretende tecer ao longo deste artigo: a relação entre apropriação e transformação do espaço urbano.

Pela idéia rimbaudiana de desregramento dos sentidos, entendemos que é possível ressignificar a dinâmica das cidades pela proposição de novos usos (LEFEBVRE, 2006) entre sujeito e espaço urbano. A ideia a princípio é simples: trata-se de transformar a realidade comum a partir de ações cotidianas que permitam ao sujeito uma nova relação espaço temporal com o meio urbano. Porém, a travessia entre intenção, ação e transformação torna-se complexa na medida em que nela está implícita a ordem subjetiva de cada participante do processo.

Desregrar aqui não significa necessariamente sair da ordem, mas sim agir para além de seus campos de controle. Apropriar-se do espaço urbano de maneiras inéditas, sair de seu lugar de normalidade, do contato tátil, visual e afetivo com o meio que o cerca.

Na necessidade de escrever e principalmente de agir no tema desenrolado neste artigo, o exercício de fazer-se poeta se dá pela prática de olhar para a realidade (material e imaterial) e enxergar nela possibilidades de mudança. Antecipar, colocar em funcionamento sentidos e experiências outras à revelia da regra, trabalhar para uma transformação criativa e uma revolução construída “à surdina”.

Estes outros espaços só podem ser construídos na relação do indivíduo com o espaço pensado, constituído pela relação do eu com o outro, apropriado de forma autêntica e com o potencial de ser ressignificado a cada instante.

As pistas anunciadas na epígrafe que abre este texto foram colocadas em prática por meio da execução do FICA durante o ano de 2012 na cidade de Itajubá, Sul de Minas Gerais.

Tomamos como ponto de partida o pressuposto de que a organização das cidades e o planejamento urbano localizam as práticas de tempo livre, institui sociabilidades e define formas de utilizar-se do espaço das cidades, determinando lugares, horários e condutas a serem seguidas. E, a partir deste pressuposto, esperamos debater a relação sujeito/espaço a partir das experiências de apropriação do espaço urbano promovidas por um festival de artes integradas realizado na cidade de Itajubá - Sul de Minas Gerais - durante o ano de 2012.

Temos dois objetivos principais com este texto, quais sejam: 1. Lançar mão de um debate que evidencie a cidade como lugar de lazes, de possibilidades/multiplicidades, e não apenas como pontos estancos de funcionamento de um sistema planejado segundo normas e regras prontas. 2. Debater a questão da apropriação, do encontro e de outros elementos transgressores como estratégias de agenciamento do espaço público de grande circulação por meio das experiências vivenciadas no Festival Itajubense de Cultura e Arte.

CIDADE, URBANISMO E URBANIDADE

As formas urbanas que temos atualmente são frutos de uma configuração produtiva fomentada pelo industrialismo do século XVIII, quando as noções de tempo e de espaço começam a tomar forma segundo a rotina que o novo sistema de trabalho demandava. Não por acaso, é nesta época que surge o termo lazer (do latim *licere* - aquilo que é lícito): seria preciso separar as “boas práticas” que pudessem preparar o sujeito para voltar ao turno de trabalho dos vícios da bebida e de outros resquícios de ócio da Idade Média. Segundo

Foucault (2011, p 271), “a consciência moderna tende a ordenar conforme a distinção do normal e do patológico e poder de delimitar o irregular, o desviante, o desarrazoado, o ilícito e o criminal”. As novas condutas lícitas foram colocadas em circulação tanto pela proibição/permissão de hábitos quanto pelo desenho do espaço urbano e condições de habitação/circulação que logo depois começariam a ser agenciadas de forma mais sistematizada pela ciência do urbanismo.

Este conjunto de ações de planejamento urbano consagra-se como corpo de conhecimentos que organiza a cidade moderna, acessibilizando e valorizando determinados objetos técnicos (SIMONDON, 1958) e apresentando ao sujeito uma rede de estados e de papéis através dos quais ele deve passar sua conduta individual e coletiva. Neste mecanismo, haveria um processo de individuação segundo a construção de uma subjetividade própria, “subjetividade essa que determinava constrangimentos a nível espacial” (GUATARRI, 1985, p. 109) combinado com o movimento de transindividuação, com aquilo que o permeava segundo os agenciamentos possíveis, definidos por Deleuze e Guatarri (1997) como sendo o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de signos que lhes corresponde.

Algumas das possibilidades de atualização desses processos de individuação sobressaem-se, tendo em vista que há uma determinada operação que as organiza para agir de acordo com uma forma, um agenciamento (DELEUZE, GUATARRI; 1997) desejado. Desse modo, quando se fala em organização do espaço urbano implica-se em afirmar que determinados saberes foram acionados para a constituição do modelo de cidade hoje existente: um corpo de conhecimentos foi desenvolvido para justificar a organização das casas, a disposição das ruas, a definição de espaços para o trabalho, para a convivência familiar, para a festa.

Se por um lado existe uma lógica tecnicista individualizante que determina a organização das cidades, por outro lado há elementos que fazem emergir novas possibilidades de reconfiguração das normas postas. A ideia de que a vida cotidiana (LEFEBVRE, 1991), as táticas e astúcias (CERTEAU, 1994), as apropriações feitas do ambiente pelo sujeito (POL, 1996), e a produção do espaço material e imaterial (SANTOS, 2002) são alguns exemplos de esforços feitos por alguns pensadores a favor deste movimento de desconstrução. No mesmo sentido, pela noção simondoniana de transindividuação a realidade pode ser percebida como uma relação de coexistências, como um processo permanente de construção de coerências

internas cada vez maiores, capazes de se atualizar a partir da relação sujeito/meio (SIMONDON, 1958; SIMONDON, 1989).¹

O encontro sujeito/meio guarda os mecanismos de reconfiguração do espaço urbano, de subversão das regras e de promoção de uma nova realidade. Guatarri também fala desta possibilidade quando diz que:

[...] às arquiteturas disciplinares e enquadradoras sobrepõe-se formas particulares de apropriação, vivências cotidianas específicas que acabam por produzir territorialidades novas e imprevistas [...] fazendo com que a formação do território revele – seja cenário, instrumento e resultado – da contínua luta de dominação e insubmissão. (GUATARRI, 1985, p. 109).

Trata-se de um tensionamento mantido de um lado pelo urbanismo, aquele conjunto de operações que individua o espaço da cidade moderna industrial, e de outro pela urbanidade, aquela diretamente relacionada à valorização do uso do espaço público. Segundo Jacobs (2001, p. 121), “a diversidade e a densidade características do urbano são potencialmente capazes de articular o sujeito ao espaço, numa relação rica e dotada de sentido aos cotidianos na cidade”.

Ao discorrer sobre este assunto, a arquiteta e urbanista Raquel Rolnik (2000) diz que o urbanismo modernista contribuiu para a perda da versatilidade das cidades, definindo para cada uma delas um lugar e uma missão separada e específica, provocando a diminuição das possibilidades e da quantidade de contatos e misturas de uso que caracterizavam a cidade multifuncional e mais pública. Este processo depõe contra o sentido primeiro das cidades, sua existência como nó, como cruzamentos de redes, de caminhos possíveis, de trocas, de informações.

Uma cidade tem mais ou menos urbanidade, mais ou menos multiplicidade de acordo com as possibilidades de encontros e de diversidade de uso dos espaços que ela consegue propor. Jacobs (2001) trata esta temática discorrendo sobre elementos básicos para o incremento da vida no espaço público: a autora propõe, por exemplo, o alargamento das calçadas, o encurtamento das quadras e a diversidade de usos de um mesmo espaço para que a cidade seja dotada de maior multiplicidade.

¹ O filósofo apresenta ainda a existência de uma natureza pré individual (SIMONDON, 2009): uma espécie de zona de possibilidades, na qual todos os objetivos contém formas de reconfigurações infinitas que posteriormente darão concretude aos processos de individuação. Cada ser carrega em si o próprio princípio, mas somente pode colocá-lo em funcionamento por meio de uma operação com o meio.

Questões e estratégias concretas que suscitam encontros e fomentam trocas no espaço urbano que deve ser experimentado fora da esfera individualizada vivenciada normalmente, para perceber outros usos que podem ser feitos além daqueles dados na forma objetiva.

APROPRIAÇÕES E NOVOS USOS DO ESPAÇO URBANO: EXPERIÊNCIAS DO FESTIVAL ITAJUBENSE DE CULTURA E ARTE (FICA)

Há cerca de três anos teve início o planejamento de ações para a produção de um festival de artes integradas na cidade de Itajubá (MG), pensado para ocorrer principalmente em lugares públicos abertos: praças, escolas e outras áreas de circulação pública. Foram pensados como objetivos principais do projeto a ampliação da oferta de atividades de lazer, arte e cultura na cidade e região, com contribuições de cunho cultural/artístico relevante; a valorização da cultura popular, procurando realçar o trabalho do artista local e promover o debate político em torno da arte; e o incentivo a formação artística e cultural de crianças, jovens e público em geral por meio de oficinas, vivências e espetáculos, com programação nas áreas de música, dança, teatro, artes visuais e performances (FICA, 2012).

Este movimento pôde ser materializado inicialmente pelo financiamento de um edital de extensão interministerial, intitulado PROEXT 2011 – Programa de Extensão Universitária. Embora naquela época vislumbrasse outras etapas importantes do projeto “Lazer e Espaço Urbano em Itajubá: Diagnóstico e Proposta de Novos Usos”², a dinâmica de concepção e montagem do festival acabou sendo encampada por todos desde o primeiro mês de execução do projeto inscrito no edital, ganhando dimensões que não havíamos imaginado antes.

Passadas duas edições do evento, notamos que o processo de apropriação do espaço público proporcionado pela montagem das atividades foi bastante significativa, causando mudanças de sentido no processo de habitar as ruas e espaços públicos da cidade. Neste artigo, esperamos apresentar ao leitor resultados e reflexões advindos desta ideia por meio de relatos e experiências construídas a partir de nosso envolvimento direto com as atividades do FICA 2012.

Para tanto, retomaremos a proposta curatorial que perpassou toda a concepção e montagem do evento em 2012: o termo deslocamentos. Deslocar-se, *que* dentre suas várias conceituações, indica mudar de direção; desviar; decompor, e evoca certo distanciamento, uma desagregação dos sentidos a satisfazer sua finalidade na “*inventio*” da retórica antiga, ou seja, na descoberta de campos outros de visibilidade e horizontes. Quando propomos que as

² NUNES JUNIOR (2011a, 2011b, 2011c, 2011d, 2012).

atividades de arte e cultura ocupem o espaço público, estamos desenvolvendo na verdade um deslocamento duplo: do sujeito, que passa a reler a realidade a partir da abordagem do trabalho artístico apresentado; e do espaço, que passa a ser recriado por uma relação até então inexistente.

Segundo a ótima simondoniana, se trata de um processo que vai da *individuação* ao *transindividual*. Em *A individuação psíquica e coletiva*, o autor fala deste além-arte, que pode ser interpretado como um indivíduo resultante de um processo dinâmico – “o indivíduo vivente é sistema de individuação, sistema individuante e sistema que se individua” (SIMONDON, 1958). Isso permite situar a reflexão nas fronteiras em que a atualidade pressiona os limites da experimentação moderna, esperando o salto, a transmutação da arte e uma imagem outra de vida.

Entre os artistas que tentaram se mover nessa direção está Hélio Oiticica, que ao criar o conceito de “*antiarte*” concebeu uma imagem diversa do que transportava o simbolismo da arte até então. Com a antiarte, não mais se pôde distinguir preceitos estéticos de uma linguagem ético-política. Por meio desse deslocamento, pela transformação da arte em atividade, em sensações de vida, ascendeu-se a vontade de um novo mito no imaginário das artes, a reivindicar uma renovação da sensibilidade e da participação social.

É pela possibilidade desse outro olhar, da construção de uma ação cultural renovada que o FICA encontrou na cidade de Itajubá, sul de Minas Gerais, a fertilidade necessária para se cristalizar, escolhendo como eixo curatorial paralelo a revitalização da própria cultura itajubense e da interconexão com as diversas culturas do Brasil.

Da curadoria, se fez a grade de programação e, desta, a fruição do público nos dias de evento: tivemos uma circulação média de 13 mil pessoas na última edição do festival (que ocorreu entre 12 e 16 de setembro de 2012), nas mais de 100 atividades oferecidas nas áreas de artes corporais, música, artes visuais e oficinas de formação; cerca de 500 artistas e profissionais ligados ao grande campo da arte e da cultura passaram pela cidade.

Sem dúvida, importam os números, as repercussões quantitativas trazidas pelo evento, pela mídia, pelo aquecimento do comércio local. Porém, quando pensamos no objetivo primeiro que nos levou a criar a ideia do festival, importa sobretudo a dinâmica fomentada na concepção de uma nova forma de habitar a cidade, de se sentir parte, de se ver nas propostas, nos palcos, no trabalho do artista, na poética impossível que agora pode encontrar espaços de aproximação entre as subjetividades sujeito/cidade, na nova urbanidade que, conforme Lefebvre (1991) anunciava, pode advir da arte e da cultura.

Resgatando a idéia da perda de versatilidade das cidades defendida por Rolnik (2000), ao propormos, por exemplo, que um velho galpão de armazém se transforme em uma galeria de artes visuais, ou que uma plataforma de embarque rodoviário se converta em um palco para bandas de rock, estamos na verdade pensando uma nova apropriação (POL, 1996), um novo papel para o lugar, já que este não é mais separado e específico, mas aberto a novas possibilidades, a novos usos (LEFEBVRE, 2006), a novos contatos, novas misturas para usos pré-definidos e estanques que antes caracterizavam a cidade multifuncional e mais pública.

Outro exemplo para ilustrar esta idéia é quando propomos a realização de um cortejo artístico na rua. Ao fecharmos as vias de trânsito para automóveis, provocamos uma desestruturação da norma vigente da relação de poder instituída (FOUCAULT, 2011), de diz que a rua é espaço de circulação de carros, e não de pessoas. Ao bloquearmos o fluxo do trânsito, colocamos em cena valores que fazem a população (tanto aquela que observa, quanto aquela que participa do cortejo) repensar a rua como um outro lugar possível.

CONCLUSÕES E OUTRAS POÉTICAS

O FICA ainda é um campo de possibilidades, um mecanismo palpável das transindividuações enunciadas por Simondon (1958) há décadas atrás. Por meio de ações práticas, potencializamos novos encontros, novas diversidades, novas formas de observação e experimentação da densidade mencionada por Jacobs (2001) como fator que incrementa a urbanidade no espaço público.

Somente através de novas técnicas, de novas iminências poéticas (PÉREZ-ORAMAS, 2012), de novas formas de apreensão da realidade - daí a importância da arte como instrumento de antecipação dos fatos, como campo de criação de novas estratégias de combate -, é que poderemos desenhar um novo modelo de cidade, novas formas de coabitar o espaço urbano.

Parafraseando novamente o texto da proposta curatorial do festival (NUNES, JUNIOR, BATISTA; 2012): o *desconhecido* é, portanto, aquilo que resiste. E essa indeterminação marca o tempo presente e nele se insere um leque de possibilidades, trajetórias, caminhos, dobras, repetições, um incessante *devoir* que conduz a proposta curatorial desta e de inúmeras outras iniciativas que como baluarte o trabalho intuitivo de artistas e pensadores da cultura.

Chegar ao desconhecido através do *desregramento de todos os sentidos*: eis o deslocar-se emblematizado no projeto poético de Rimbaud. E o que diferencia a percepção

normal da percepção desregrada? A inclusão intencional do desconhecido. A percepção daquilo que mais do que não ser conhecido, revela-se como algo que não pode nem mesmo *vir a ser*.

Nesse sentido, cada campo de atuação artística do festival é permeado por esse anseio de deslocamento, seja nas instalações ou nas performances das Artes Visuais; nos palcos itinerantes da Música; nas vivências experimentais das Oficinas e de outras intervenções urbanas; na diversidade temática das companhias teatrais; nas poesias espalhadas em varais; ou, nos passos e giros de uma apresentação de Dança, cada escolha representa um novo deslocar-se; cada escolha carrega em si um germe para a vidência rimbaudiana.

MOVEMENTS AND POETIC APPROPRIATION IN THE FESTIVAL ITAJUBENSE OF CULTURE AND ART

ABSTRACT

This research aims to promote a debate that highlights the city not only as a place that perpetuates standard social rules, but the city as a place of leisure and new diversities. It is also point out issues about ownership of the space, rendezvous (different people meeting randomly), the transindividual philosophy introduced by the philosopher Gilbert Simondon, and about other transgressors elements such as agency strategies of large circulation public spaces. This reaserch was made based on the analisis of a festival of art and culture in the city of Itajubá , South of the State of Minas Gerais.

KEYWORDS: *leisure activities, city planning, art.*

MOVIMIENTO Y POÉTICAS DE APROPIACIÓN EN EL FESTIVAL ITAJUBENSE DE CULTURA Y ARTE.

RESUMEN

El texto tiene como objetivo central promover una discusión que evidencie el concepto de ciudad como lugar de ocio y de nuevas multiplicidades, y no solamente como puntos cerrados de funcionamiento dentro de un sistema planificado según normas y reglas establecidas. Se discutirá la cuestión de apropiación, de encuentro, de transindividual propuesto por el filósofo Gilbet Simondon, y de otros elementos transgresores como estrategia de gestión de espacios públicos de gran circulación a partir de experiencias vivenciadas en un festival de arte y cultura realizado en la ciudad de Itajubá, Sul de Minas Gerais.

PALABRAS CLAVES: *actividades de ocio, planificación de ciudades, arte.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5 Trad. Ana Lúcia de Oliveira. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, M. Os desvios religiosos e o saber médico. In: MOTTA, M. B. *Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

GUATARRI, F. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. *Espaço e Debates*, v. 6, p. 109-121, 1985.

JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

NUNES JUNIOR, P. C. Dados e Relatos de Lazer em Itajubá (MG) a Partir da Experiência de um Projeto de Extensão Universitária. In: XIII SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 2012, Belo Horizonte. Coletânea de textos XIII Seminário O Lazer em Debate, 2012.

NUNES JUNIOR, P. C. *et al.* Lazer e espaço urbano em Itajubá - Diagnóstico e proposta de novos usos. 2011. In: II Seminário de Meio Ambiente do FORPROEX Sudeste e I Mostra de Extensão da UNIFEI, 2011a, Itajubá (MG).

NUNES JUNIOR, P. C. *et al.* Arte e Cultura vão à rua na cidade de Itajubá. 2011. In: II Seminário de Meio Ambiente do FORPROEX Sudeste e I Mostra de Extensão da UNIFEI, 2011b, Itajubá (MG).

NUNES JUNIOR, P. C. Extensão Universitária em campo: lazer e espaço urbano em Itajubá - MG. In: XII SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 2011c, São Paulo. Coletânea de textos XIII Seminário O Lazer em Debate, 2011.

NUNES JUNIOR, P. C. Redes e espaços de lazer em Itajubá: experiências de extensão universitária. In: XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2011, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: ESEF UFRGS, 2011d, v. 1.

[NUNES JUNIOR, P. C. BATISTA, A.C. Proposta Curatorial FICA 2012. Disponível em: http://www.ficaitajuba.com.br/2012/o-festival/proposta. Acesso em: 19/mar./13.](http://www.ficaitajuba.com.br/2012/o-festival/proposta)

PÉREZ-ORAMAS, L. *A iminência das poéticas* (Texto Curatorial da Trigesima Bienal de São Paulo. Disponível em: < http://www.bienal.org.br/30bienal/pt/sobre/Paginas/cura_doria.aspx>. Acesso em 04/out./2012.

POL, E. La apropiación del espacio. In ÍÑÍGUEZ, L.; POL, E. (Coord.). *Apropiación, cognición y representación ambiental: monografías psicosocioambientales*. Barcelona: PUB, 1996. p. 45-62.

ROLNIK, R. O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp,

2002.

SIMONDON, G. *La individuación. A La luz de las nociones de forma y información.* Tradução: Pablo Ires. Buenos Aires: Ediciones La Cebra y Editorial Cactus, 2009.

_____. *L'individuación psychique et collective. À la lumière des notions de Forme, Information, Potentiel et Métastabilité.* Paris: Aubier, 1989.

_____. *Du mode d'existence des objets techniques.* Paris: Aubier, 1958.